

DA PÓS-MEMÓRIA À ESCRITA E VOZ REPARATIVAS: CONTEXTOS, DIÁLOGOS, NOVOS HORIZONTES

Orquídea Moreira Ribeiro (UTAD / CECS)

Sheila Pereira Khan (UTAD / CECS)

Nas últimas décadas o conceito de pós-memória tem reverberado em diversas publicações quer de carácter científico, quer literário e artístico. A questão que funcionou como uma pedra atirada ao charco imóvel e submerso do pós-Holocausto deveu-se a uma das vozes incansáveis nesse trabalho de alento e de diálogo com a memória, referimo-nos a Imre Kertész, à sua ousadia que nos inspira como legado de pensamento e de ação e à sua interrogação: “A quem pertence Auschwitz?” (Kertész *apud* Ribeiro 2010: 14). A resposta a esta corajosa pergunta despoletou o que hoje nos permite avançar como uma tradição da pós-memória, isto é, o lugar do mapeamento analítico sobre como as heranças dos vários passados traumáticos podem representar uma força presencial tão forte e inexpugnável, que a transmissão intergeracional desses eventos pode constituir-se como uma experiência que não se manifestando de uma forma tangível assemelha-se a uma narrativa subjetiva que, não sendo daqueles que a viveram, funciona como plenamente sua (Hirsch 2008).

Em pleno século XXI, temos observado a expressão de uma urgência de compreender e de desconstruir mecanismos e velhas lógicas do passado colonial, imperial, escravagista, entre outras experiências, que os ‘filhos’ e ‘netos’ herdeiros e testemunhas das mágoas, exílios, fraturas, contradições culturais e identitárias (Ribeiro e Ribeiro 2018), almejam responder, refutar, equacionar e refletir sob outras perspetivas e novos horizontes (Sousa e Khan 2022). Com rigor, estas novas gerações erguem-se com uma elasticidade inequívoca e uma desobediência histórica perante repertórios de pensamento e de explanação da diversidade humana que denotam um grande desgaste e opacidade em explicar com justiça a imposição do passado no presente. Como observa António Sousa Ribeiro: “o sujeito da pós-memória é um protagonista ativo e [...] põe, literalmente, em cena um conjunto de representações do passado que não se limitou a receber, antes reconstrói e reelabora no âmbito de um processo de confrontação e negociação intergeracional” (2021: 11). Com verdade, o “sujeito da pós-memória” vem alcançando patamares que ultrapassam os espaços da memória familiar, doméstica e íntima. Partindo de

uma consciência histórica, este e outros sujeitos da diversidade humana confrontam também a arena pública, os discursos políticos, as dimensões sociais e culturais de uma forma nacional e transnacional. O movimento do *Black Lives Matter* é deste dever cívico de pós-memória um exemplo inspirador.

Este é o tempo do diálogo entre pós-memória, reparação e pedagogia por uma cidadania fincada no sentido de fraternidade histórica e global. Conscientes deste dever cívico que requer uma cidadania ativa e inclusiva, este número temático pretendeu acolher trabalhos preparados para, criticamente, mapear e abordar o companheirismo entre memória, pós-memória e escrita reparativa partindo de uma postura interdisciplinar. A resposta a esta corajosa pergunta despoletou o que hoje nos permite avançar como uma tradição da pós-memória, isto é, o lugar do mapeamento analítico sobre como as heranças dos vários passados traumáticos podem representar uma força presencial tão forte e inexpugnável, que a transmissão intergeracional desses eventos pode constituir-se como uma experiência que não se manifestando de uma forma tangível assemelha-se a uma narrativa subjetiva que, não sendo daqueles que a viveram, funciona como plenamente sua (Hirsch 2008; Ribeiro e Cruz 2022).

Este dossier resulta de um trabalho coletivo, com vozes e posicionamentos que se erguem perante o desafio e o desejo de refletir os terrenos férteis de experiência interdisciplinar entre pós-memória, reparação e pedagogia histórica e global (Hall 2018).

* * *

No primeiro texto deste número temático, com o título “Contingências de um conceito – A pós-memória da primeira geração” de **António Sousa Ribeiro**, o autor contextualiza historicamente a emergência do conceito, apoiando-se num cuidadoso pensamento da amplitude interdisciplinar que o conceito atingiu. Recorrendo a vários estudos de caso e a trabalhos de investigação reconhecidos, neste texto, o autor escarpeliza a necessidade de uma vigilância conceptual e metodológica, para que o recurso aos conceitos da pós-memória e geração não caiam na armadilha de um esvaziamento teórico e analítico. Nesse sentido, como escreve a um dado momento do seu trabalho, o alerta vai no seguimento de uma não: “excessiva generalização, isto é, o uso do conceito como um gigantesco guarda-chuva tendencialmente universal que não permite diferenciar adequadamente contextos que podem ser muito diversos nem captar as múltiplas contingências só acessíveis a um olhar suficientemente atento ao concreto” (p. 15).

Margarida Rendeiro, em “Literatura-mundial, pós-memória e resistências pós-coloniais em *Canto da Moreia* (2019) de Luísa Semedo e de *As Novas Identidades Portuguesas* (2019) de Patrícia Moreira”, oferece ao leitor uma análise detalhada e interseccional entre cultura, identidade, raça e contextos sócio-históricos a partir das vozes da nova geração de afrodescendentes, com rigor, os textos analisados pela autora espelham as experiências, as narrativas e posicionamentos de uma geração que rasga os muros sociais e políticos impostos por uma colonialidade portuguesa tardia sem, porém, sucumbir às lógicas resistentes de discriminação e de racialização do Outro. É a desobediência cívica que os romances analisados procuram revelar ao mostrar os “olhares interseccionais sobre as comunidades diaspóricas cabo-verdianas na sociedade portuguesa ainda não reconciliada com o seu legado pós-colonial, representando ficcionalmente as várias dimensões em que aquelas comunidades têm sido particularmente afetadas por um sistema capitalista, assente num modelo patriarcal, neoliberal e neocolonial que esteve na base da construção da modernidade portuguesa pós-colonial, desumanizadora dos sujeitos negros” (p. 24).

Sandra Sousa, em “Legacies of coloniality and racialization: comparative perspectives in Europe”, conduz o(a) leitor(a) numa viagem histórica sobre os meandros de permanência e de sobrevivência dos legados de colonialidade presentes nos contextos europeus pós-coloniais. Partindo de uma leitura atenta do trabalho etnográfico e ensaístico desenvolvidos por Johny Pitts, Achille Mbembe e Taiye Selasi, a autora mergulha numa reflexão minuciosa sobre os conceitos de ‘*afropeans*’ e ‘*afropolitans*’ para ler e mapear os mecanismos de uma colonialidade sobrevivente nos sentidos de vida, de narrativa e de identidade em duas renomadas escritoras afrodescendentes, Chimamanda Ngozi Adichie e Djaimilia Pereira de Almeida, ambas oriundas de duas geografias aparentemente distintas, e cujos livros *Americanah* (2013) e *Esse Cabelo* (2015), desafiam os leitores para uma visão crua e honesta sobre o que é ser e viver dentro de uma cor de pele, de um cabelo que os identifica, ainda, ao olhar externo e ocidental, como sujeitos racializados.

Ana Cristina Gomes da Rocha capta os sentidos dos leitores em “Once upon a time there wasn’t and there isn’t”: (Re)writing history in André Brink’s *Cape of Storms: The first life of Adamastor*, ao estabelecer uma análise desobediente e desconstrutiva dos cânones ocidentais de apresentar, narrar e de contar a história. No caminho da sua leitura, a autora trabalha como cirurgiã o olhar e a escrita de André Brink, inscrevendo com clareza o posicionamento cívico e histórico do autor. Nesse sentido, é perceptível como a ousadia de André Brink de mudar os ponteiros da história para recuperar

outros modos históricos silenciados e marginalizados, é também a audácia analítica da autora que emerge, quando escreve: “a minha conclusão é de que, por meio da reinvenção de mitos eurocêntricos, a novela de Brink apresenta uma crítica interessante, senão crucial, à forma como os colonizados eram retratados. Nesta análise específica, teorias pós-modernas e pós-coloniais caminham juntas para transmitir a ideia de que os registros históricos podem ser fabricações de que certas perspectivas são excluídas” (p. 64).

A seguir aos quatro artigos referidos, é publicada uma entrevista a **Bruno Sena Martins**, investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Caminho, no âmbito de uma problematização do conceito de pós-memória e da sua amplitude como voz e ferramenta das novas gerações europeias e afrodescendentes.

Este dossier temático reúne três recensões críticas. **Susana Pimenta** apresenta uma análise crítica de “Pascal Blanchard & Gilles Boëtsch: *Le Racisme en Images – Déconstruire Ensemble*. Editions de La Martinière, 2021”. **Sheila Khan** aborda o conceito de pós-memória em “Silêncio que se vai escutar as vozes esquecidas da História. O papel ativo da pós-memória em *Museu da Revolução* de João Paulo Borges Coelho”. **Fernando Moreira** reflete sobre as *Margens e Travessias*, de Boaventura Cardoso.

Referências bibliográficas

Hall, Catherine. 2018. “Doing reparatory history: bringing ‘race’ and slavery home”. In: *Race & Class*, volume 60, Issue 1, July-September: 3-21.

Hirsch, Marianne. 2008. “The Generation of Postmemory”. In: *Poetics Today*, 29 (1): 103-128.

Ribeiro, António Sousa e Ribeiro, Margarida Calafate. 2018. “A Past that Will not Go Away. The Colonial War in Portuguese Postmemory”. In: *Lusotopie*, 17 (2): 277-300.

Ribeiro, António Sousa. 2021. “Prefácio”. In: *A Cena da Pós-Memória. O Presente do Passado na Europa Pós-colonial*. António Sousa Ribeiro (Org.). Lisboa: Edições Afrontamento, 9-12.

Ribeiro, António Sousa. 2010. “Memória, identidade e representação: Os limites da teoria e a construção do testemunho”. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 88, 9-21.

Ribeiro, Margarida Calafate e Rodrigues, Fátima da Cruz. 2022. *Des-cobrir a Europa. Filhos de Impérios e Pós-memórias Europeias*. Porto: Afrontamento.

Sousa, Sandra, Khan, Sheila. 2022. “As Estórias dentro da História: mapeando a nação no Museu da Revolução de João Paulo Borges Coelho”. In: *Gragoatá*, 27 (59), 1-18.